

REPRESENTAÇÕES DA LITERATURA EM ALUNOS DE L.L.M.: DA VOZ DA ESCOLA À SURDEZ DOS DEUSES

António Branco¹

RESUMO: A partir da análise dos resultados de questionário sobre hábitos culturais e de leitura aplicado a alunos de licenciatura em línguas e literaturas modernas de cinco universidades portuguesas, este trabalho discute as representações de leitura literária de estudantes de licenciatura, buscando estabelecer de que modo se relacionam com a cultura erudita e com outras manifestações culturais, suas predileções e formas de ocupação do tempo livre, bem como a participação em eventos extra-lectivos. Interessa particularmente compreender como tais questões participam de sua educação geral.

PALAVRAS-CHAVE: Estudante de Educação Superior; leitura - representação; literatura; formação cultural

ABSTRACT: Based on the analysis of the results of a question nary on cultural behavior applied to students of language and modern literature of five portuguese universities, this paper reflects on the representations of literary readings of these students, in order to establish the forms by witch they deal with erudite culture and other cultural manifestations, their choices and how they use their free time, as the ways they participate in extra-curricular events. It is focused in special how these matters play a role in their formation.

KEY WORDS: College student; reading-representation; literature; cultural education

¹ Professor Associado em Didácticas das Línguas e das Literaturas, na Universidade do Algarve (Faro/Portugal - abranco@ualg.pt)
Trabalho realizado com o apoio da FCT e da Fundação Calouste Gulbenkian, incluído no sub-projecto Língua, Literacia, Literatura, do Centro de Estudos Linguísticos e Literários (CELL/UALG) — esta actividade, no CELL, é uma extensão do Projecto Literacias. Contextos, Práticas, Discursos (POCTI/CED/2000/33888), entretanto concluído.

No ano de 2003, foi aplicado, aleatoriamente, a 469 alunos de licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas (com a variante de Estudos Portugueses²) de 5 universidades portuguesas (Universidade do Algarve, Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidade do Porto e Universidade do Minho), um questionário que pretendia recolher informação sobre hábitos culturais e de leitura, representações da literatura e do seu ensino. Tratando-se das únicas licenciaturas, em Portugal, que tomam a literatura (para além da linguística e, eventualmente, da língua estrangeira) como objecto central de ensino e que têm servido, essencialmente, para formar professores do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário³ — com o concurso das disciplinas das áreas da Pedagogia e das Didácticas Específicas⁴ — pareceu-me relevante tentar captar dados que possibilitassem uma leitura do modo como o discurso académico sobre a literatura influencia as convicções dos sujeitos observados. Com essa finalidade foram incluídas no material aplicado, entre outras, questões que colocavam os alunos perante a possibilidade de:

- i) escolherem critérios de reconhecimento e apreciação de textos literários;
- ii) darem conta do seu grau de conhecimento e de apreciação dos clássicos da Literatura Portuguesa;
- iii) indicarem os seus autores contemporâneos preferidos (poesia, teatro e ficção).

Embora o instrumento usado aponte para o método quantitativo, os dados obtidos foram entendidos como indícios de representações possuídas pelos inquiridos e potenciadores da definição de novas linhas de pesquisa a realizar por meio de entrevistas. Ou seja, este inquérito não faz mais do que identificar áreas críticas que, futuramente, poderão ser analisadas numa perspectiva diferente da usada. Era, no entanto, a única metodologia que me permitiria uma visão mais abrangente dos fenómenos — dado o seu modo de concretização. Passo, por isso, a caracterizar a amostra em termos das seguintes variáveis: universidade, variante da licenciatura, género, ano de matrícula e idade.

Caracterização da amostra

Como ficou dito, o inquérito foi aplicado, no final do ano lectivo de 2003⁵, a 469 alunos, correspondendo às seguintes taxas de resposta:

² As licenciaturas (grau correspondente à graduação) em Línguas e Literaturas Modernas organizam-se em variantes, consoante a combinação das línguas que as constituem, como por exemplo: L.L.M. (variante de Estudos Portugueses), L.L.M. (variante de Estudos Portugueses e Franceses), etc.

³ Correspondentes à 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, respectivamente.

⁴ Esta formação pedagógico-didáctica complementar (que inclui o estágio profissional numa escola) pode ocorrer de forma integrada (no plano de estudos da licenciatura) ou em regime pós-graduado.

⁵ Na altura do ano lectivo em que os inquéritos foram aplicados presencialmente, muitos alunos já não frequentam as aulas, ou porque desistiram ou porque os resultados entretanto obtidos os fizeram preferir ser avaliados por exame. Dado que os questionários foram respondidos na sala de aula, o conjunto de alunos que aceitaram essa tarefa corresponde a um determinado perfil: são, provavelmente, na sua maioria, aqueles que foram conseguindo bons resultados ao longo do ano lectivo, mas, também, os mais persistentes e «regulares» no estudo.

Quadro I

	Universidade do Algarve (UALG) ⁶	Universidade de Coimbra (UC)	Universidade de Lisboa (UL)	Universidade do Minho (UM)	Universidade do Porto (UP)	TOTAL
Inquéritos enviados	125	125	125	125	125	625
Inquéritos preenchidos e recebidos	103	117	90	91	68	469
Taxa de resposta	82,40%	93,60%	72,00%	72,80%	54,40%	75,04%

No que diz respeito às variáveis consideradas, pode-se descrever o universo de alunos com base nos quadros seguintes:

Quadro II⁷

VARIANTE DE L.L.M.	UALG N=103		UC N=117		UL N=90		UM N=91		UP N=68		Totais N=469	
Português	51	49,5%	9	7,7%	38	42,2%	12	13,2%	7	10,3%	117	24,9%
Português e Alemão	0	0,0%	11	9,4%	4	4,4%	6	6,6%	3	4,4%	24	5,1%
Português e Espanhol	11	10,7%	11	9,4%	2	2,2%	0	0,0%	3	4,4%	27	5,8%
Português e Francês	12	11,7%	51	43,6%	23	25,6%	31	34,1%	16	23,5%	133	28,4%
Português e Inglês	29	28,2%	30	25,6%	21	23,3%	42	46,2%	39	57,4%	161	34,3%
Português e Italiano	0	0,0%	4	3,4%	1	1,1%	0	0,0%	0	0,0%	5	1,1%
NR	0	0,0%	1	0,9%	1	1,1%	0	0,0%	0	0,0%	2	0,4%

Quadro III

GÉNERO	UALG N=103		UC N=117		UL N=90		UM N=91		UP N=68		Totais N=469	
Sexo Masculino	19	18,4%	13	11,1%	19	21,1%	13	14,3%	8	11,8%	72	15,4%
Sexo Feminino	84	81,6%	104	88,9%	71	78,9%	78	85,7%	60	88,2%	397	84,6%

Quadro IV

ANO DE MATRÍCULA	UALG N=103		UC N=117		UL N=90		UM N=91		UP N=68		Totais N=469	
1º ano	22	21,4%	29	24,8%	44	48,9%	11	1,1%	14	20,6%	110	23,5%
2º ano	16	15,5%	4	3,4%	36	40,0%	26	28,6%	9	13,2%	91	19,4%
3º ano	24	23,3%	55	47,0%	9	10,0%	34	37,4%	9	13,2%	131	27,9%
4º ano	38	36,9%	18	15,4%	1	1,1%	28	30,8%	32	47,1%	117	24,9%
5º ano	3	2,9%	1	0,9%	0 ⁸	0,0%	2	2,2%	4	5,9%	20	4,3%

⁶ A partir deste ponto, usarei apenas as siglas para referir as várias universidades.

⁷ O valor nulo relativo a algumas das variantes é consequência da não existência desse curso na universidade em que tal ocorre.

Quadro V

IDADE ⁹	UALG N=103		UC N=117		UL N=90		UM N=91		UP N=68		Totais N=469	
Até 25 anos	9 7	94,2 %	9 7	82,9 %	7 8	86,7 %	7 9	86,8 %	6 5	95,6 %	41 6	88,7 %
Mais de 25 anos	6	5,8%	2 0	17,1 %	1 2	13,3 %	1 2	13,2 %	3	4,4%	53	11,3 %

Dado que a intenção não foi a de produzir uma amostra estatisticamente significativa, mas tão-somente detectar tendências, não usarei, na análise que se segue, os resultados por universidade, mas apenas o total de respondentes em cada caso (máximo: 469 alunos).

Forneço, ainda, quadros correspondentes a outros elementos que podem auxiliar a completar o retrato geral do conjunto dos alunos, todos eles respeitantes à relação estabelecida pelos sujeitos com a licenciatura frequentada.

Quadro VI

Questão I.5. O curso que frequenta foi a sua 1^a escolha quando se candidatou à Universidade?

Globais	N=468 ¹⁰	
Sim	357	76,3%
Não	111	23,7%
Total	468	100,0%

Quadro VII

Questão I.6. Indique as razões mais determinantes da sua escolha do curso que frequenta.¹¹

Globais	Total N=469	
Gostava da(s) língua(s) e da(s) literatura(s)	156	33,3%
A língua estrangeira foi a área do Ensino Secundário em que revelei melhores competências	95	20,3%
Desejava ser professor/a de Língua Estrangeira	64	13,6%
Desejava ser professor/a de Português	63	13,4%
Gostava de literatura portuguesa	52	11,1%
Gostei da estrutura do curso e do seu plano de estudos	28	6,0%
Não tinha jeito para outras áreas, como, por exemplo, as Ciências Naturais, a Matemática, etc.	20	4,3%

⁸ O 5º ano só existe nas universidades em que a licenciatura inclui a componente de ensino. Por isso não existe nenhum aluno desse ano na Universidade de Lisboa, onde a formação pedagógica acontece ao nível da pós-graduação.

⁹ Um aluno com um percurso escolar sem reprovações termina a licenciatura com 21 ou 22 anos, razão pela qual considerei os dois limites indicados (até 25 anos/mais de 25 anos), o que corresponde, no primeiro deles, à possibilidade de 3 a 4 reprovações ao longo dos anos de estudo.

¹⁰ 1 dos inquiridos não respondeu à pergunta.

¹¹ Os sujeitos poderiam assinalar no máximo 2 respostas.

Nota-se que o desejo de ser professor de Português aparece apenas como quarta preferência, inferior, por isso, ao total de alunos de Estudos Portugueses (Quadro II: 24,9%). A opção genérica do gosto por língua(s) e literatura(s) prevalece sobre qualquer das possibilidades específicas (língua estrangeira, português, literatura portuguesa). Contrariamente a um certo lugar-comum, a amostra também não revela a fuga às disciplinas das ciências como motivação principal para a escolha do curso. Nota-se, igualmente, a parca influência dos aspectos relacionados com o currículo universitário na escolhas dos sujeitos. Assim sendo, as representações do que são as áreas das línguas e das literaturas terão, provavelmente, a ver com concepções adquiridas antes da entrada na universidade.

Quadro VIII

Questão 1.8. Indique o seu caso.

Globais	Total N=469	
	Nunca reprovei em disciplinas de Literatura	292
Já reprovei 1 vez em disciplinas de Literatura	98	20,9%
Já reprovei 2 vezes em disciplinas de Literatura	45	9,6%
Já reprovei mais de 2 vezes em disciplinas de Literatura	18	3,8%
Não respondeu	15	3,2%

A percentagem de sujeitos que afirma nunca ter reprovado ou ter reprovado apenas uma vez em disciplinas de Literatura (83,2%) é muito elevada — e pouco consonante com os índices de insucesso mais habituais nas pautas publicadas nas universidades —, mas tal característica da amostra deve ser relacionada com as circunstâncias de aplicação do questionário, referidas na nota 4.

Finalmente, incluo dados referentes a alguns hábitos que, podendo ser analisados separadamente, não deixam de ser úteis para descrever a amostra. Quando inquiridos sobre como ocupam os tempos livres, as preferências (mais de 50% de respostas na soma dos parâmetros bastantes vezes/quase sempre) vão para as seguintes actividades:

Quadro Ixa

Questão 1.9. Actividades de lazer preferidas

Globais (Quase sempre + Bastantes vezes)	Total N=469	
	Conviver com amigos, familiares, namorado/a	452
Ouvir música	432	92,1%
Ler	428	91,3%
Ver televisão, vídeo	347	74,0%
Ir ao cinema	293	62,4%
Escrever	246	52,5%

Quanto às demais hipóteses oferecidas pelo questionário (todas acima de 50% de respostas na soma dos parâmetros nunca/poucas vezes), podem ser ordenadas da seguinte forma:

Quadro Ixb

Questão 1.9. Actividades de lazer pouco realizadas

Globais (Nunca + Poucas vezes)	Total N=469	
Navegar na Internet	247	52,7%
Ir a bares e discotecas	323	68,8%
Praticar desportos	324	69,1%
Participar em actividades de associações culturais	350	74,6%
Ir ao teatro	382	81,5%
Ir a concertos de música pop/rock/ligeira	390	83,2%
Ir a museus	393	83,8%
Participar em actividades de associações desportivas	402	85,8%
Tocar música	402	85,7%
Fazer compras	417	88,9%
Conversar em chats	432	90,8%
Fazer trabalho voluntário em instituições de apoio social	438	93,4%
Ir a concertos de música clássica	438	93,4%
Participar em actividades de associações políticas	444	94,7%
Pintar, fotografar	460	98,0%

Parece, por isso, que a maioria dos inquiridos não se reconhece nas categorias correspondentes a uma certa concepção de lazer dos grupos cultural e intelectualmente dominantes (frequência de concertos de música clássica, de museus, de teatros), mas também não se revê nas imagens mais divulgadas da actividade ocupacional dos jovens, já que mais de 50% afirma não exercer com frequência actividades relacionadas com concertos de música rock/pop/ligeira, a prática de desportos, convívio em bares e discotecas ou com a internet. Aliás, as ocupações de tempos livres preferidas apontam para tipos de realização específicas: a socialização afectiva, a escuta (solitária?) de música, ler e escrever, o uso dos audiovisuais. Quer isso dizer que nem as categorias das elites nem as que se têm vindo a colar à imagem da juventude servem para analisar os valores e atitudes dos indivíduos da amostra — o que não deixa de constituir um primeiro sinal de que os alunos de L.L.M. não se identificam com os modelos habitualmente mais trazidos à liça para os caracterizar, tanto do ponto de vista das expectativas como dos alegados desvios comportamentais (presentes em muitas das queixas mais habituais dos docentes). Acrescento informações sobre o que os sujeitos dizem sobre a sua inserção nas actividades extra-curriculares concretizadas na própria universidade e que parecem confirmar um perfil do aluno de L.L.M. em tudo distinto do esperado.

Quadro X

Questão I.10. Indique a frequência com que costuma participar em actividades extra-escolares organizadas na sua universidade.

Globais (Quase sempre que são organizados + Bastantes vezes)	Total N=469	
Assisto a conferências.	161	34,1%
Assisto a colóquios, congressos.	131	28,0%
Visito exposições.	118	25,2%
Assisto a concertos.	89	19,0%
Assisto a espectáculos de teatro e/ou recitais de poesia.	72	15,4%
Participo em visitas de estudo.	68	14,5%
Frequento Cursos Livres.	27	5,8%

Dado que a escala permitia aos sujeitos uma escolha directamente relacionada com a quantidade de actividades realizadas nos espaço universitário (quase sempre que são organizadas), não se pode atribuir a causa da baixa frequência das mesmas à maior ou menor regularidade com que acontecem. Aliás, a lista foi obtida através da consulta, na internet, dos acontecimentos incluídos nas programações das faculdades e institutos a que pertenciam os alunos. No topo e no final da lista surgem realizações tipicamente académicas. Considerando-se a hipótese de a amostra incluir, sobretudo, sujeitos que poderão ser considerados mais escolarmente «empenhados» (v. nota 4), é muito relevante uma certa indiferença com com a maioria parece encarar a vida académica extra-curricular, sobretudo no que diz respeito aos cursos livres — na medida em que estes últimos são de inscrição totalmente voluntária. Será, no entanto, que eles resultam, realmente, de uma vontade da universidade de ir ao encontro das necessidades, curiosidades ou desejos de formação complementar dos alunos? Tudo parece indicar o contrário: provavelmente, têm origem no gosto ou nas especialidades dos professores ou investigadores que os organizam... Estes dados também podem significar que, para os alunos envolvidos na pesquisa, a actividade primordial da universidade são as aulas, o que remeteria para uma concepção escolar do ensino superior.

É neste enquadramento genérico que passo, agora, para a análise das respostas a questões mais específicas dos questionários.

Leitura de literatura

O inquérito incluía, entre outras, questões sobre as concepções de literatura dos alunos. Em duas delas, repetiam-se os parâmetros, só mudando as condições da sua aplicação:

Questão III.1. Seleccione os factores que, conjuntamente, considera mais importantes para um dado texto poder ser incluído no campo literário (ou seja, ser considerado literário).

Questão III.3. Pense, agora, em textos literários que aprecia particularmente. Selecciona os factores que mais determinariam a sua recomendação de leitura a amigos e/ou familiares.

Em ambos os casos, os sujeitos tinham à sua disposição os seguintes critérios, para, de entre eles, escolherem entre 1 e 5:

- 1) Assunto/Tema
- 2) Atitude de leitura adoptada pelo leitor
- 3) Atitude de leitura que o texto impõe/exige/determina
- 4) Capacidade de surpreender
- 5) Carácter imaginativo e/ou ficcional
- 6) Dimensão confessional e/ou testemunhal
- 7) Existência de «segundos sentidos»
- 8) Género discursivo
- 9) Incentivo ao sonho
- 10) Inclusão em programas de disciplinas escolares/académicas
- 11) Inclusão na História da Literatura
- 12) Linguagem figurativa
- 13) Notoriedade do autor
- 14) Originalidade discursiva e linguística
- 15) Originalidade temática
- 16) Possibilidade de o leitor se poder identificar com elementos textuais
- 17) Proximidade com o real
- 18) Subversão de valores sociais, culturais, morais e/ou ideológicos
- 19) Valor literário atribuído por jornais, revistas, críticos da especialidade

Esses parâmetros foram construídos com base em alguns princípios:

- a) evitar terminologia que pudesse ser imediatamente identificada com a especificidade da teoria literária, com o objectivo de não forçar os sujeitos a responderem de um ponto de vista exclusivamente escolar;
- b) misturar critérios próprios da história da teoria literária (2, 7, 12, por exemplo) com outros, atribuíveis aos lugares-comuns relacionados com a apreciação comum da literatura (1, 9 e 16, por exemplo);
- c) usar os mesmos critérios, em contextos e em páginas diferentes do questionário (pp. 11 e 12, respectivamente), para se conseguir comparabilidade dos resultados.

No que diz respeito ao tipo de respostas, nota-se que nem todos os inquiridos usaram os 5 critérios à sua disposição e que não tiveram o mesmo comportamento nos dois casos:

Quadro XI

Globais	Total de critérios usados nas questões III.1 e III.2			
	Total N=469			
	Questão III. 1		Questão III. 3	
1 critério	10	2,1%	5	1,1%
2 critérios	25	5,3%	10	2,1%
3 critérios	77	16,4%	49	10,4%
4 critérios	93	19,8%	92	19,6%
5 critérios	264	56,3%	313	66,7%

Relativamente à questão III.1, os indicadores revelam que a maior parte dos sujeitos (56,3%) considera serem insuficientes menos do que 5 critérios para a identificação do campo literário, já que a instrução explicitava esse aspecto («os factores que, conjuntamente, considera mais importantes para um dado texto poder ser incluído no campo literário»). Ainda assim, seria de esperar que tal necessidade se revelasse mais evidente no primeiro caso do que no segundo, já que na questão III. 3 só estava em causa a indicação de factores de apreciação pessoal, enquanto na primeira se remetia para um problema difícil de resolver, do ponto de vista teórico e académico (v., por exemplo, Compagnon 1998, Hansen 2005). No entanto, é claro que uma parte dos inquiridos (49 - 10,4%) usaram mais os parâmetros fornecidos quando confrontados apenas com a sua decisão pessoal. Sem que se possa saber exactamente donde advém esta diferença, ela indicia, de qualquer modo, um maior grau de segurança na resolução do problema suscitado pela questão III.1 — ou seja, um menor grau de problematização, também.

Observemos, agora, as respostas às duas questões. Assinalo a negrito as percentagens superiores a 20%, nos dois casos.

Quadro XII

Respostas às questões III.1 e III.3

Globais	Totais N=469			
	III.1		III.3	
Assunto / Tema	195	41,6%	349	74,4%
Atitude de leitura adoptada pelo leitor	71	15,1%	32	6,8%
Atitude de leitura que o texto impõe/exige/determina	142	30,3%	78	16,6%
Capacidade de surpreender	128	27,3%	267	56,9%
Carácter imaginativo e/ou ficcional	163	34,8%	158	33,7%
Dimensão confessional e/ou testemunhal	26	5,5%	23	4,9%

Existência de «segundos sentidos»	115	24,5%	100	21,3%
Género discursivo	123	26,2%	60	12,8%
Incentivo ao sonho	55	11,7%	135	28,8%
Inclusão em programas de disciplinas escolares/académicas	55	11,7%	16	3,4%
Inclusão na História da Literatura	114	24,3%	20	4,3%
Linguagem figurativa	61	13,0%	37	7,9%
Notoriedade do autor	64	13,6%	66	14,1%
Originalidade discursiva e linguística	224	47,8%	181	38,6%
Originalidade temática	125	26,7%	185	39,4%
Possibilidade de o leitor se poder identificar com elementos textuais	69	14,7%	136	29,0%
Proximidade com o real	60	12,8%	100	21,3%
Subversão de valores sociais, culturais, morais e/ou ideológicos	69	14,7%	84	17,9%
Valor literário atribuído por jornais, revistas, críticos da especialidade	80	17,1%	45	9,6%

O quadro seguinte torna visível a ordenação dos parâmetros mais considerados em cada uma das questões:

Quadro XIIIa

		Ordenação dos critérios (III.1 e III.3) ¹²		
	Critérios (III.1)	%	Critérios (III.3)	%
1º	Originalidade discursiva e linguística	47,8%	Assunto/Tema	74,4%
2º	Assunto/Tema	41,6%	Capacidade de surpreender	56,9%
3º	Carácter imaginativo e/ou ficcional	34,8%	Originalidade temática	39,4%
4º	Atitude de leitura que o texto impõe/exige/determina	30,3%	Originalidade discursiva e linguística	38,6%
5º	Capacidade de surpreender	27,3%	Carácter imaginativo e/ou ficcional	33,7%
6º	Originalidade temática	26,7%	Possibilidade de o leitor se poder identificar com elementos textuais	29,0%
7º	Género discursivo	26,2%	Incentivo ao sonho	28,8%
8º	Existência de «segundos sentidos»	24,5%	Existência de «segundos sentidos»	21,3%
9º	Inclusão na História da Literatura	24,3%	Proximidade com o real	21,3%
10º	Valor literário atribuído por jornais, revistas, críticos da especialidade	17,1%	Subversão de valores sociais, culturais, morais e/ou ideológicos	17,9%
11º	Atitude de leitura adoptada pelo leitor	15,1%	Atitude de leitura que o texto impõe/exige/determina	16,6%
12º	Subversão de valores sociais, culturais, morais e/ou ideológicos	14,7%	Notoriedade do autor	14,1%

¹² Assinalo, a negrito, as escolhas mais valorizadas em ambas as questões.

13º	Possibilidade de o leitor se poder identificar com elementos textuais	14,7%	Género discursivo	12,8%
14º	Notoriedade do autor	13,6%	Valor literário atribuído por jornais, revistas, críticos da especialidade	9,6%
15º	Linguagem figurativa	13,0%	Atitude de leitura adoptada pelo leitor	6,8%
16º	Proximidade com o real	12,8%	Linguagem figurativa	7,9%
17º	Incentivo ao sonho	11,7%	Dimensão confessional e/ou testemunhal	4,9%
18º	Inclusão em programas de disciplinas escolares/académicas	11,7%	Inclusão na História da Literatura	4,3%
19º	Dimensão confessional e/ou testemunhal	5,5%	Inclusão em programas de disciplinas escolares/académicas	3,4%

Em primeiro lugar, note-se alguma coincidência de critérios mais valorizados nos dois casos, ainda que com mudança de expressividade estatística e ordem de preferência da escolha. Se considerarmos apenas os 5 critérios mais escolhidos (dado que a instrução propunha esse limite), a semelhança é ainda mais notória:

Quadro XIIIb

Cinco critérios mais escolhidos (III.1 e III.3)				
	Critérios (III.1)	%	Critérios (III.3)	%
1º	Originalidade discursiva e linguística	47,8%	Assunto/Tema	74,4%
2º	Assunto/Tema	41,6%	Capacidade de surpreender	56,9%
3º	Carácter imaginativo e/ou ficcional	34,8%	Originalidade temática	39,4%
4º	Atitude de leitura que o texto impõe/exige/determina	30,3%	Originalidade discursiva e linguística	38,6%
5º	Capacidade de surpreender	27,3%	Carácter imaginativo e/ou ficcional	33,7%

Analisando as duas situações separadamente (Quadro XIIIa), observa-se o seguinte:

Questão III.1 (caracterização do campo literário)

— no topo figura um critério não tratado academicamente (Assunto/Tema: 41,6%), um enraizado em concepções miméticas (clássicas) da Literatura (Carácter imaginativo e/ou ficcional: 34,8%), mas predominam parâmetros relacionáveis com as várias correntes teóricas imanentistas e/ou estruturalistas (Originalidade discursiva e linguística, Atitude de leitura que o texto impõe/exige/determina, Capacidade de surpreender, Género discursivo; Existência de «segundos sentidos»);

— são preteridos factores associáveis a perspectivas mais recentes dos Estudos Literários, globalmente enquadráveis nas «teorias de recepção», como os do Valor literário atribuído por jornais, revistas, críticos da especialidade, Atitude de leitura adoptada pelo leitor ou Inclusão em programas de disciplinas escolares/académicas... neste paradigma (literatura enquanto instituição configurada por comunidades de leitores), só o da Inclusão na História da Literatura parece ter chamado a atenção de cerca de um quarto dos inquiridos;

— esta tendência para a escolha de critérios teoricamente aparentados reforça o já referido carácter pouco problematizador da «questão da Literatura».

Questão III.3 (apreciação pessoal da Literatura)

— mantém-se a valorização de critérios oriundos das correntes teóricas imanentistas, mas destaca-se Assunto/Tema como parâmetro notoriamente preferido;
— são valorizados dois critérios a que os inquiridos não tinham dado relevância na questão III.1: Possibilidade de o leitor se poder identificar com elementos textuais e Incentivo ao sonho. Em ambos os casos, foram tidos em conta elementos afectivos a que, de certa forma, subjazem modalidades impressionistas da leitura, academicamente muito criticadas.

Parece-me relevante, ainda, que, tanto na questão III.1 como na III.3 os alunos quase tenham ignorado um dos parâmetros sugeridos: Inclusão em programas de disciplinas escolares/académicas (escolhido por 11,7% e 3,4%, respectivamente). Na primeira situação, porque a frequência baixa de escolhas indicia a falta de consciência da correspondência historicamente efectiva entre definição do campo literário e cânone. Na segunda, porque se nota um total divórcio entre a apreciação individual da literatura dos alunos e o cânone proposto pela academia, ou seja, se a literatura estudada na universidade passasse a integrar a antologia pessoal dos sujeitos inquiridos, provavelmente o critério em apreço apareceria no topo das escolhas. Passo, por isso, imediatamente, para a análise dos resultados das respostas à questão III.4.

Nela, oferecia-se uma lista quase exaustiva do cânone clássico português¹³ (desde a Idade Média aos finais do séc. XIX) e pedia-se aos inquiridos que indicassem o seu grau de conhecimento (Nunca li/Li pouco/Li bastante/Li muito) e de apreciação (Não gosto/Gosto/Gosto muito) de cada uma das obras indicadas. Os resultados da primeira solicitação permitem a identificação do cânone efectivamente lido:

Quadro(s) XIV¹⁴

Soma dos resultados dos parâmetros Li bastante/Li muito

XIVa. Literatura da Idade Média	
Cancioneiro Galego-Português	6,4%
Crónica(s) de Fernão Lopes	26,4%
Outras crónicas historiográficas	11,5%
Narrativas Cavaleirescas (como a Demanda do Santo Graal)	22,8%
Narrativas dos Livros de Linhagens	10,0%
Narrativas Hagiográficas	24,3%

¹³ Esta lista foi construída com base na consulta História da Literatura Portuguesa (Lopes & Saraiva 2002). Optei por designações que pudessem ser imediatamente reconhecíveis pelos sujeitos.

¹⁴ Por uma questão de clareza, apresento os resultados separados por períodos.

XIVb. Literatura do séc. XVI

Menina e Moça	34,3%
Os Lusíadas	77,2%
Peregrinação	31,3%
Poesia lírica de António Ferreira	22,2%
Poesia lírica de Camões	72,3%
Poesia lírica de Sá de Miranda	29,4%
Teatro de António Ferreira	24,5%
Teatro de Gil Vicente	80,6%

XIVc. Literatura do séc. XVII

Poesia lírica barroca	32,0%
Prosa oratória do Pe. António Vieira	50,5%

XIVd. Literatura do séc. XVII

Poesia da Marquesa de Alorna	6,0%
Poesia de Bocage	43,7%
Poesia de Correia Garção	3,8%
Poesia de Filinto Elísio	1,7%
Poesia de Nicolau Tolentino	1,5%
Teatro de António José da Silva	1,5%

XIVe. Literatura do séc. XIX

Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett	74,2%
Viagens na minha terra, de Almeida Garrett	74,2%
Narrativas de Camilo Castelo Branco	65,9%
Narrativas de Eça de Queirós	85,1%
Narrativas de Júlio Dinis	21,7%
Narrativas históricas de Alexandre Herculano	22,0%
Poesia de Almeida Garrett	58,8%
Poesia de Antero de Quental	51,0%
Poesia de António Nobre	32,0%
Poesia de Camilo Pessanha	47,1%
Poesia de Cesário Verde	57,8%
Poesia de Gomes Leal	5,5%
Poesia de Guerra Junqueiro	8,5%
Poesia de João de Deus	5,3%

Apresento, seguidamente, apenas os textos/obras clássicos que recolheram, pelo menos, 50% na soma dos parâmetros «Li bastante/Li muito»:

Quadro XV

Clássicos mais lidos	
Narrativas de Eça de Queirós	85,1%
Teatro de Gil Vicente	80,6%
Os Lusíadas	77,2%
Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett	74,2%
Viagens na minha terra, de Almeida Garrett	74,2%
Poesia lírica de Camões	72,3%
Narrativas de Camilo Castelo Branco	65,9%
Poesia de Almeida Garrett	58,8%
Poesia de Cesário Verde	57,8%
Prosa oratória do Pe. António Vieira	50,5%
Poesia de Antero de Quental	51,0%

De uma lista inicial de 36 referências literárias canónicas, só 11 (menos de um terço) são indicadas pela maioria dos sujeitos como tendo sido objecto de leitura numa frequência relevante — e todas elas fazem parte do núcleo canónico escolar mais forte do Ensino Secundário português¹⁵.

Como foi referido, os alunos também eram convidados a registar o grau de apreciação de cada uma das referências literárias. Vejamos os resultados obtidos:

Quadro XVI

Apreciação dos clássicos (Gosto+Gosto muito)¹⁶

AUTORES / OBRAS	Totais N=469	
	Narrativas de Eça de Queirós	423
Teatro de Gil Vicente	400	85,3%
Os Lusíadas	392	83,6%
Poesia lírica de Camões	386	82,3%
Narrativas de Camilo Castelo Branco	370	78,9%
Poesia de Almeida Garrett	360	76,8%
Poesia de Bocage	354	75,5%

¹⁵ Correspondente ao Ensino Médio brasileiro.

¹⁶ Foram eliminadas as respostas daqueles que, para cada caso, referiam nunca ter lido. Assinalei a negrito as referências mais lidas (cf. Quadro XIV).

Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett	343	73,1%
Viagens na Minha Terra, de Almeida Garrett	318	67,8%
Poesia de Antero de Quental	307	65,5%
Poesia de Cesário Verde	305	65,0%
Prosa oratória de António Vieira	294	62,7%
Poesia de Camilo Pessanha	286	61,0%
Poesia de António Nobre	246	52,5%
Poesia barroca	241	51,4%
Crónicas de Fernão Lopes	233	49,7%
Poesia de Sá de Miranda	217	46,3%
Narrativas de Júlio Dinis	216	46,1%
Menina e Moça	213	45,4%
Cancioneiro galego-português	210	44,8%
Narrativas cavaleirescas	208	44,3%
Narrativas de Alexandre Herculano	202	43,1%
Poesia de António Ferreira	194	41,4%
Peregrinação	193	41,2%
Teatro de António Ferreira	187	39,9%
Outras crónicas historiográficas medievais	164	35,0%
Poesia de Guerra Junqueiro	150	32,0%
Narrativas dos Livros de Linhagens	109	23,2%
Poesia de João de Deus	98	20,9%
Hagiografia	87	18,6%
Teatro de A. José da Silva	82	17,5%
Poesia de Gomes Leal	79	16,8%
Poesia de Marquesa de Alorna	60	12,8%
Poesia de Correia Garção	59	12,6%
Poesia de Filinto Elísio	53	11,3%
Poesia de Nicolau Tolentino	44	9,4%

Aparentemente, o cruzamento dos dados dos Quadros XV e XVI aponta para uma relação directa entre frequência de leitura e gosto: as obras que os alunos referem ter lido mais são aquelas de que declaram gostar mais, também. Não creio, todavia, que, por um lado, se deva pôr de parte a possibilidade de no Quadro XVI estarmos perante respostas ligadas a uma certa forma de reconhecimento do cânone clássico (social e academicamente muito valorizado) e que, por outro, tal associação se possa atribuir à formação universitária: de facto, como se viu, os autores mais lidos e mais apreciados pertencem ao núcleo duro do cânone escolar do Ensino Secundário. A hipótese de que este «gosto» (ou uma sua

representação) se possa ter consubstanciado antes da entrada na universidade parece ser confirmada pela análise do mesmo fenómeno a partir da variável «ano de matrícula»:

Quadro XVII
Apreciação dos clássicos (Gosto+Gosto muito) com base no ano de matrícula ¹⁷

ANO DE MATRÍCULA	1º ano N=110		ANO DE MATRÍCULA	2º ano N=91	
	R	%		R	%
AUTORES / OBRAS			AUTORES / OBRAS		
Eça de Queirós	96	87,3%	Eça de Queirós	82	90,1%
Gil Vicente	95	86,4%	Gil Vicente	78	85,7%
Os Lusíadas	87	79,1%	Os Lusíadas	75	82,4%
Almeida Garrett (Poesia)	86	78,2%	Bocage	75	82,4%
Camões (Poesia lírica)	83	75,5%	Camilo Castelo Branco	73	80,2%
Bocage	82	74,5%	Camões (Poesia lírica)	72	79,1%
Frei Luís de Sousa	80	72,7%	Frei Luís de Sousa	68	74,7%
António Vieira	75	68,2%	Almeida Garrett (Poesia)	66	72,5%
Camilo Castelo Branco	75	68,2%	Antero de Quental	59	64,8%
Viagens na Minha Terra	70	63,6%	Cesário Verde	59	64,8%
Cesário Verde	65	59,1%	António Vieira	57	62,6%
ANO DE MATRÍCULA	3º ano N=131		ANO DE MATRÍCULA	4º/5º ano N=137	
AUTORES / OBRAS	R	%	AUTORES / OBRAS	R	%
Eça de Queirós	121	92,4%	Eça de Queirós	124	90,5%
Os Lusíadas	112	85,5%	Camões (Poesia lírica)	121	88,3%
Camões (Poesia lírica)	110	84,0%	Gil Vicente	119	86,9%
Gil Vicente	108	82,4%	Os Lusíadas	118	86,1%
Camilo Castelo Branco	106	80,9%	Camilo Castelo Branco	116	84,7%
Bocage	98	74,8%	Almeida Garrett (Poesia)	110	80,3%
Frei Luís de Sousa	98	74,8%	Camilo Pessanha	105	76,6%
Almeida Garrett (Poesia)	98	74,8%	Bocage	99	72,3%
Viagens na Minha Terra	98	74,8%	António Nobre	99	72,3%
Antero de Quental	93	71,0%	Viagens na Minha Terra	99	72,3%

Não se notam diferenças significativas entre as respostas dos alunos dos 4 níveis universitários, nem entre as de cada um desses grupos e as da globalidade (Quadro XVI), contrariamente ao que aconteceria se as convicções sobre o gosto tivessem sido adquiridas ao longo do percurso universitário. A última questão que analisarei vai no mesmo sentido.

¹⁷ Forneço apenas a lista dos 10 autores/obras que, em cada ano, receberam o maior índice de aprovação. Assinalo a negrito as referências comuns aos alunos dos 4 níveis considerados.

Na questão III.5, os sujeitos eram convidados a indicar, livremente, até 3 nomes de autores nacionais e/ou estrangeiros preferidos, cujas obras tenham sido publicadas no séc. XX ou XXI, independentemente de serem autores consagrados ou não. Observemos os resultados.

Quadro XVIIIa

Autores de ficção narrativa preferidos

N=469		
Não responderam	111	23,7%
Responderam	358	76,3%
Média de respostas/respondentes	2,33	
Média de autores/respondente	0,49	
NOMES MAIS REFERIDOS¹⁸	N=358	
José Saramago	113	31,6%
Vergílio Ferreira	57	15,9%
Paulo Coelho	50	14,0%
Eça de Queirós	32	8,9%
António Lobo Antunes	29	8,1%
Gabriel García Márquez	25	7,0%
Mia Couto	23	6,4%
Nicholas Sparks	21	5,9%
Isabel Allende	20	5,6%
José Cardoso Pires	20	5,6%
Margarida Rebelo Pinto	20	5,6%

¹⁸ Analiso, apenas, os nomes indicados por, pelo menos, 5% daqueles que responderam à questão, no caso dos três modos literários. No caso da ficção narrativa, foram também mencionados: Agatha Christie, Agustina Bessa Luís, Albert Camus, Albert Jacquard, Aldous Huxley, Alessandro Baricco, Alexandre Dumas, Alexandre Herculano, Almada Negreiros, Almeida Garrett, Álvaro Guerra, Alves Redol, Amy Tan, Ana Maria Magalhães & Isabel Alçada, Anais Nin, André Gide, André Malraux, Anne Rice, Anne Tyler, Anthony Burgess, Antoine de Saint-Exupery, Armistead Maupin, Arthur C. Clarke, Arundhati Roy, Augusto Baptista, Bernard Cornwell, Boris Vian, Brad Meltzer, Camilo Castelo Branco, Camilo José Cela, Carlos de Oliveira, Charles Bukowski, Charles Dickens, Christiane F., Chuck Palahniuk, Clara Pinto Correia, Clarice Lispector, D. H. Lawrence, Daniel Sampaio, Danielle Steel, David Lodge, David Mourão-Ferreira, Denise M. Clark, Doris Lessing, Edgar Allan Poe, Emile Zola, Emmanuel Carrère, Ernest Hemingway, Fernanda Botelho, Fernando Namora, Fernando Pessoa, Filipe Faria, Francisco José Viegas, Franz Kafka, Frederico Lourenço, Gabriela Llansol, George Orwell, George Seferis, Georges Perec, Goethe, Gonzalo Torrente Ballester, Graham Green, Gunter Grass, Gustave Flaubert, H. G. Wells, Hanif Kureishi, Heinz G. Konsalik, Hermann Hesse, Homero, Honoré de Balzac, Hugo Claus, Inês Pedrosa, Irvine Welsh, Italo Calvino, J. K. Rowling, J. R. R. Tolkien, Jacinto Lucas Pires, Jack Kerouac, James Joyce, Jane Austen, Jean-Paul Dubois, Jean-Paul Sartre, João Aguiar, João Guimarães Rosa, John Grisham, John Steinbeck, Jonathan Swift, Jorge Amado, Jorge de Sena, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Jorge Luis Borges, José Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto, José Régio, José Rodrigues Miguéis, Jostein Gaarder, Jude Deveraux, Jules Verne, Juliette Benzoni, Julio Cortázar, Júlio Dinis, Jung Chang, Laura Esquivel, Leon Tolstoi, Lídia Jorge, Louis-Ferdinand Celine, Luís de Sttau-Monteiro, Luis Sepúlveda, Luísa Costa Gomes, M. Levi-Vialle, Machado de Assis, Manuel da Fonseca, Marcel Proust, Marguerite Duras, Marguerite Yourcenar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, Mário de Sá Carneiro, Mario Puzo, Marion Zimmer Bradley, Martin Amis, Mary Shelley, Mia Couto, Michel Tournier, Miguel Esteves Cardoso, Miguel Sousa Tavares, Miguel Torga, Milan Kundera, Natália Correia, Nicci French, Nuno Júdice, Odisseas Elitis, Olivier Rolin, Oscar Wilde, Pascal Quignard, Patrick Suskind, Paul Auster, Pedro Paixão, Pepetela, Pierre Boileau & Thomas Narcejac, Primo Levi, R. L. Stine, Raul Brandão, Ray Loriga, Richard Bach, Rita Ferro, Roddy Doyle, Rosa Lobato Faria, Roze Kajoa, Salman Rushdie, Samuel Beckett, Somerset Maugham, Sophia de Mello Breyner, Stephen King, Steven Saylor, Susanna Tamaro, Teolinda Gersão, Toni Morrison, Tracy Chevalier, Umberto Eco, Urbano Tavares Rodrigues, V. E. Rosswell, Victor Hugo, Virgílio, Virginia Woolf, William Faulkner (não eliminei desta lista os nomes que não correspondem aos requisitos da instrução).

Quadro XVIIIb
Autores de poesia preferidos

N=469		
Não responderam	165	35,2%
Responderam	304	64,8%
Média de respostas/respondentes	2,21	
Média de autores/respondentes	0,29	

NOMES MAIS REFERIDOS ¹⁹		
N=304		
Sophia de Mello Breyner	116	38,2%
Fernando Pessoa	110	36,2%
Eugénio de Andrade	77	25,3%
Miguel Torga	61	20,1%
Florbela Espanca	57	18,8%

¹⁹ Foram também mencionados: Al Berto, Alberto Caeiro, Alexandre O'Neill, Allen Ginsberg, Almada Negreiros, Almeida Garrett, Álvaro de Campos, Ana Luísa Amaral, Anais Nin, Antero de Quental, António Botto, António Ferreira, António Franco Alexandre, António Gedeão, António Nobre, António Ramos Rosa, Ary dos Santos, Bocage, Camilo Pessanha, Carlos de Oliveira, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Queiroz, Cecília Meireles, César Vallejo, Cesário Verde, Charles Baudelaire, Constantino Kafavis, D. H. Lawrence, Daniel Faria, Daniel Felipe, David Mourão-Ferreira, Egito Gonçalves, Eugénio de Castro, Fiamma Hasse P. Brandão, Gabriela Llansol, García Lorca, Gastão Cruz, George Seferis, Goethe, Guillaume Apollinaire, Herberto Helder, Horácio, Jack Kerouac, João de Deus, João Miguel F. Jorge, John Betjeman, Jorge de Sena, Jorge Luis Borges, José Gomes Ferreira, José Luís Peixoto, José Régio, Júlio Dinis, Leonard Cohen, Luís Miguel Nava, Luíza Neto Jorge, Manuel Alegre, Manuel Bandeira, Mário Cesariny, Mário de Sá Carneiro, Mia Couto, Michel Houlbecq, Natália Correia, Nuno Júdice, Odisseas Elitis, Pablo Neruda, Pedro Homem de Mello, Pedro Tamen, Philip Larkin, Raul Brandão, Ricardo Reis, Rosa Lobato Faria, Ruy Bello, Sá de Miranda, Sebastião da Gama, Sérgio Godinho, Sylvia Plath, Tom Jobim, Vergílio Ferreira, Vinícius de Moraes, Virginia Woolf, Vitorino Nemésio, W. Shakespeare (não eliminei desta lista os nomes que não correspondem aos requisitos da instrução).

Quadro XVIIIc
Autores de teatro preferidos

N=469		
Não responderam	240	51,2%
Responderam	229	48,8%
Média de respostas/respondentes	1,50	
Média de autores/respondentes	0,14	

NOMES MAIS REFERIDOS ²⁰		
N=229		
Luís de Sttau-Monteiro	67	29,3%
Samuel Beckett	27	11,8%
Bernardo Santareno	20	8,7%
Eugene Ionesco	13	5,7%
Bertolt Brecht	12	5,2%

Note-se que só 48,8% dos sujeitos indicaram nomes de autores de teatro, percentagem bastante inferior ao que acontece relativamente aos outros dois modos. Também neste caso o grau de dispersão das respostas (média de respostas/respondentes) é inferior aos da ficção e da poesia. Na realidade, isto não deve surpreender, porque, à imagem do que acontece no Ensino Básico e no Ensino Secundário, também os textos de teatro são menos considerados nos programas de Literatura do Ensino Superior. Seja como for, as três listas apresentadas coincidem num aspecto: em todas elas, os autores portugueses consagrados mais escolhidos integram o programa de Português do último ano do Ensino Secundário²¹:

Ficção narrativa — José Saramago e Vergílio Ferreira;

Poesia — Sophia de Mello Breyner, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, Miguel Torga e Florbela Espanca;

Teatro — Luís de Sttau-Monteiro e Bernardo Santareno.

²⁰ Foram também mencionados: Albert Camus, Alice Vieira, Almada Negreiros, André Brun, Andrew Lloyd Webber, Anton Tchekhov, António Ferreira, António José da Silva, António Patrício, António Torrado, Arthur Miller, Augusto Abelaira, Bernard Shaw, Bernard-Marie Koltès, Brian Friel, Calderón de La Barca, Dario Fo, Edmond Rostand, Eugene O'Neill, Fernando Pessoa, Filipe La Féria, García Lorca, Georges Perec, Guillaume Apollinaire, Harold Pinter, Heiner Muller, Jacinto Lucas Pires, Jean Anouilh, Jean Cocteau, Jean Giraudoux, Jean-Paul Sartre, John Osborne, Joracy Camargo, Jorge Amado, Jorge de Sena, Jorge Listopad, Jorge Silva Melo, José Jorge Letria, José Saramago, Luigi Pirandello, Luís Francisco Rebelo, Maria Alberta Menéres, Maria Velho da Costa, Mário Cesariny, Molière, Natália Correia, Nathalie Sarraute, Oscar Wilde, Possidónio Cachapa, Racine, Rainer Werner Fassbinder, Raul Brandão, Sarah Kane, Sophia de M. Breyner Andersen, Tennessee Williams, Teresa Rita Lopes, W. Shakespeare (como nas duas anteriores, não eliminei desta lista os nomes que não correspondem aos requisitos da instrução).

²¹ V. DES 1997.

Comparem-se, agora, os nomes dos autores mais mencionados pelos alunos nos vários níveis de matrícula²²:

Quadro XVIII

Autores mais referidos, por ano de matrícula			
1º ano	2º ano	3º ano	4º+5º anos
Ficção narrativa			
1. Vergílio Ferreira	1. José Saramago	1. José Saramago	1. José Saramago
2. José Saramago	2. Eça de Queirós	2. Paulo Coelho	2. Vergílio Ferreira
3. Paulo Coelho	3. Paulo Coelho	3. António Lobo Antunes	3. Mia Couto
4. Eça de Queirós	4. Vergílio Ferreira	4. Gabriel García Márquez	4. Paulo Coelho
5. Nicholas Sparks	5. António Lobo Antunes	5. José Cardoso Pires	5. António Lobo Antunes
6. Margarida Rebelo Pinto	6. Gabriel García Márquez	6. Vergílio Ferreira	6. Umberto Eco
		7. Carlos de Oliveira	7. Agustina Bessa Luís
			8. Isabel Allende
Poesia			
1. Sophia de Mello Breyner	1. Fernando Pessoa	1. Fernando Pessoa	1. Sophia de Mello Breyner
2. Fernando Pessoa	2. Sophia de Mello Breyner	2. Sophia de Mello Breyner	2. Fernando Pessoa
3. Miguel Torga	3. Florbela Espanca	3. Eugénio de Andrade	3. Eugénio de Andrade
4. Eugénio de Andrade	4. Eugénio de Andrade	4. Miguel Torga	4. Florbela Espanca
5. Florbela Espanca	5. Miguel Torga	5. Florbela Espanca	5. Miguel Torga
		6. Mário de Sá Carneiro	6. Mário de Sá Carneiro
		7. Manuel Alegre	7. Carlos de Oliveira
Teatro			
1. Luís de Sttau-Monteiro	1. Luís de Sttau-Monteiro	1. Luís de Sttau-Monteiro	1. Bernardo Santareno
2. Samuel Beckett	2. Arthur Miller	2. Samuel Beckett	2. Eugene Ionesco
	3. Bertolt Brecht	3. Bernardo Santareno	3. Samuel Beckett
		4. Arthur Miller	4. Nathalie Sarraute

Mais uma vez se verifica um fenómeno já observado: não existem diferenças significativas entre as respostas dos alunos dos vários níveis de matrícula, prevalecendo em todos eles as referências mais fortes aos autores do cânone literário escolar do Ensino Secundário (aliás, muitos desses autores, como Vergílio Ferreira ou Sophia de Mello Breyner, nem sequer integram, habitualmente, o cânone académico dos cursos em apreço).

Recupero, agora, algumas das conclusões parciais da análise:

²² Mantenho o critério de só referir os autores indicados por, pelo menos, 5% dos inquiridos.

1. as ocupações de tempos livres preferidas por este grupo de alunos não contemplam nem as actividades dos grupos culturalmente dominantes (assistir a concertos de música clássica, visitar museus, ir ao teatro) nem aquelas que lhes são atribuídas nos discursos mais habituais sobre a juventude urbana (concertos de música rock/pop/ligeira, prática de desportos, convívio em bares e discotecas, uso da internet);
2. o modo como os estudantes dizem relacionar-se com os eventos extra-lectivos proporcionados pela instituição de ensino superior que frequentam (conferências, colóquios, congressos, cursos livres, etc., potencialmente diferenciadores do espaço académico), assumindo participar pouco ou nada neles, indica um uso sobretudo «escolar» da universidade.
3. à escolha de critérios de caracterização e apreciação da literatura, subjazem, predominantemente, os traços oriundos das teorias imanentistas, formalistas, estruturalistas, sendo que, simultaneamente, os inquiridos parecem precisar de um menor número de factores para caracterizar do que para apreciar os textos literários;
4. os clássicos portugueses mais lidos e mais valorizados pelos sujeitos correspondem ao núcleo canónico do Ensino Secundário, não se notando diferenças assinaláveis entre as respostas dos alunos dos vários níveis de matrícula. O mesmo acontece quando se lhes pediu a indicação dos autores preferidos.

Se é verdade que a última das conclusões parece confirmar a tese de Bourdieu, segundo a qual os cidadãos com formação universitária tendem a desposar os valores (neste caso, literários) da «cultura aristocrática» (2003: p. 54), não deixa de ser interessante pensar que a Escola Secundária influencia mais os alunos nesse efeito de aculturação do que o Ensino Superior. Em certa medida, podemos considerar que o grupo de alunos cujas respostas foram analisadas parece representar e usar a universidade como uma simples extensão do nível de ensino imediatamente anterior (e que se torna mais visível, por exemplo, na conclusão 2.). Nesse âmbito se podem ler, igualmente, os resultados relativos aos critérios de caracterização e apreciação da Literatura (3.). Se os professores universitários se sentem descontentes, deverão talvez interrogar-se sobre o que não está a ser feito nos cursos de Línguas e Literaturas Modernas de modo a proporcionar a diferenciação tão aparentemente almejada. Uma certa impermeabilidade dos alunos, indiciada a partir das respostas às questões sobre a Literatura, ao discurso universitário alegadamente problematizador da Literatura — discurso que, evidentemente, teria de ser confirmado através, por exemplo, da observação de aulas, para se saber quem problematiza, de que modo e com que grau de participação de quem aprende — pode ser sintoma de resistência a uma visão também ela pouco problematizadora da função da universidade nas suas vidas e no seu percurso escolar. Nessa medida, mais do que caracterizar alunos concretos, este conjunto de dados alerta para a necessidade de repensar a formação que lhes é oferecida, tanto nos seus propósitos como nos métodos usados para os executar — o que corresponde a encarar de frente a universidade como Escola do ensino superior, e não mais como suposto espaço de eleição onde só chegam indivíduos preparados e disponíveis para ouvir a «voz dos deuses».

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. **Le démon de la théorie. Littérature et sens commun**. Paris: Seuil, 1998.
- DEPARTAMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO (DES). **Português A e B**. Programas. 10º, 11º e 12º anos. Lisboa: Ministério da Educação, 1997.
- HANSEN, João Adolfo. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). **Cultura letrada no Brasil**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 2005.
- LOPES, Óscar; SARAIVA, António José. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto Multimédia, 2002. 1 CD-ROM.

Recebido: 15/08/2005

Aprovado: 30/08/2005